

Homossexualidade, família e igreja

Débora Fonseca e Cunha

Ementa: Definir o que é a homossexualidade; raízes potencialmente influenciadoras para sua construção; apontar perspectivas de restauração e a importância da família e da igreja no processo de acolhimento e ajuda.

Índice

1. Raízes da Homossexualidade: Uma Introdução
2. Desenvolvimento da homossexualidade no menino
 - 2.1. Ausência paterna no plano físico
 - 2.2 Ausência paterna no plano emocional
 - 2.3 Ausência de afirmação paterna
 - 2.4 Dificuldades de identificação com o pai
3. Consequências no menino
 - 3.1 Distanciamento defensivo
 - 3.2 Ambivalência com o mesmo sexo
 - 3.3 Vazio quanto ao gênero sexual
 - 3.4 Outros fatores
4. Desenvolvimento da homossexualidade na menina
 - 4.1 “É bom ou ruim ser menina?”
 - 4.2 Pai afirma a filha ou não
 - 4.3 “O masculino é mais atrativo”
 - 4.4 Como o pai trata a mãe!
 - 4.5 Figura materna ausente
5. Consequências na menina
 - 5.1 Dependência Emocional
 - 5.2 Rejeição à Feminilidade
- 6 Outros fatores (para ambos os sexos)
 - 6.1 Abuso Sexual
 - 6.2 Bullying
 - 6.3 Abandono
 - 6.4 Rejeição pelo genitor do mesmo sexo
 - 6.5 Presenciar um genitor sendo maltratado por outro

- 6.6 Educação sexual ausente ou inadequada
- 6.7 Expectativas frustradas dos pais em relação ao sexo do bebê
- 6.8 Escolha consciente pelo comportamento homossexual
- 6.9 Mulheres em casamentos terríveis
- 6.10 Homossexualidade circunstancial
- 6.11 Medo de contato heterossexual

7. Família

- 7.1 Passando pelas fases do luto
- 7.2 Aceitação x aprovação
- 7.3 Aspectos práticos: limites e apoio

8. Igreja

- 8.1 Desafios da Igreja diante da homossexualidade
- 8.2 Posicionamento da igreja diante do cenário mundial
- 8.3 Igreja Condenatória
- 8.4 Igreja Permissiva
- 8.5 Igreja Indiferente
- 8.6 Igreja Terapêutica

9. Como participar ativamente?

Referências

Atividades

1 - Raízes da Homossexualidade: Uma Introdução

Dos textos bíblicos que tratam sobre homossexualidade, (Gên.19:1-29 e Ez.16:49; Lev. 18:22 e 20:13; Juízes 19:22-25; Rom. 1:18-32; 1 Cor. 6:9-11; e 1 Tim. 1:8-10), escolhemos o de 1 Coríntios 6.9-11 para demonstrar nossa visão acerca do assunto:

- a) A prática da homossexualidade é pecado;
- b) A prática da homossexualidade não é um pecado pior do que os demais. Sob a Graça, estamos todos nivelados;
- c) A afirmativa *uma vez gay para sempre gay* se mostra incoerente com a verdade do versículo 11.

2 – Desenvolvimento da Homossexualidade no Menino

(Baseado em *Novos Caminhos* – Exodus)

Acredita-se que o bebê, no início de sua existência, não seja capaz de distinguir-se de sua mãe: o sentimento dele é de que ele e sua mãe são a mesma pessoa.

Aos poucos ele vai percebendo que é um ser individual, e que, de alguma forma, é diferente de sua mãe.

Ele começa a olhar ao seu redor, procurando por alguém com quem possa identificar-se. Em geral, é quando reconhece a presença do pai, ou de uma figura paterna, com o qual se identifica.

“Um pai `de personalidade´ (isto é, forte e bondoso) interrompe um relacionamento de `simbiose feliz´ que ele, de forma instintiva, julgue não ser sadio. Se um pai quer que seu filho cresça heterossexual, ele tem de quebrar o elo mãe-filho que é apropriado na infância, mas que não condiz com os melhores interesses do menino mais velho. Assim, o pai tem de ser um modelo, demonstrando que é possível seu filho manter um relacionamento de amor para com essa mulher, sua mãe, e, ao mesmo tempo, manter sua própria independência. Nesse sentido, o pai deve funcionar como um sadio diminuidor do impacto entre mãe e filho.” (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)

O pai afirma o seu filho, demonstrando amor e carinho por ele, o qual passa a desejar ser como seu pai. Esse desejo de ser como o pai faz com que o garoto comece a reconhecer sua identidade masculina.

Em algum ponto desse processo, o garoto pode deixar de receber afirmação de sua masculinidade por parte da figura paterna, e o menino deixa de se identificar adequadamente.

Mães criam meninos, e pais, homens... Na infância, tanto os meninos como as meninas são emocionalmente ligados à mãe. Em linguagem psicodinâmica, a mãe é o primeiro objeto de amor. Ela satisfaz todas as necessidades primárias da criança. As meninas podem continuar a desenvolver sua identificação feminina por intermédio do relacionamento com as mães. Por outro lado, um menino tem uma tarefa de desenvolvimento adicional: quebrar sua identificação com a mãe para identificar-se com o pai. Um bom teste do elo entre pai e filho logo cedo na vida é observar e refletir: a quem o pequenino corre quando está feliz, quando se orgulha de algo que fez, quando busca incentivo ou divertimento e agitação? Se é sempre a mãe, então algo está errado com o relacionamento entre pai e filho. (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*) – texto adaptado.

Exemplos de possibilidades para que a identificação seja inadequada:

2.1 – Ausência paterna no plano físico

Não havendo a presença paterna, ou quem exerça esse papel;

2.2 – Ausência paterna no plano emocional;

2.3 – Ausência de afirmação paterna

Quando o pai faz exatamente o oposto, ao invés de afirmar seu filho, ele o ridiculariza ou o diminui em sua masculinidade: compara-o a outro irmão, ou diz que ele não é suficientemente masculino em uma determinada área, ou demonstra estar decepcionado com o filho;

2.4 – Dificuldades de identificação com o pai

O filho não consegue identificar-se com a imagem e o comportamento de seu pai, por causa de fatores como: pai alcoólatra, pai muito ausente, pai preocupando-se demasiadamente com o trabalho ou outras atividades, pai que tenha abandonado a família em um momento crítico, ou seja, um homem distante emocionalmente.

“Dan, um cliente de 32 anos, descreve a tristeza de uma oportunidade perdida: ‘Meu pai é como o monumento Lincoln [em Washington], sentado, rígido e indiferente, lá no alto. Não quero me entregar a ele. Sinto temor, e também aversão ao que ele representa. Pareço uma criança quando digo que tenho medo dessa figura de ‘Lobo Mau’. Mas ele não me conhece direito, nem eu a ele. Tudo que realmente já quis foi meu pai. Só isso; contudo, infelizmente reconheço que desperdicei muitos anos e não posso voltar a minha infância. Nem ele será um homem diferente. Aos setenta anos, ele nunca mudará mais. É algo do tipo: ‘Por que devo me incomodar em tentar ter um relacionamento com ele? Não o conheço; ele não me conhece.’” (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)

3 – Consequências no menino

3.1 – Distanciamento defensivo

Ao perceber que suas necessidades por proteção, atenção, afetividade (necessidades básicas do ser humano), não estão sendo supridas, e sentindo-se rejeitado, o garoto procura proteger-se, tentando evitar a dor da rejeição. Então ele se distancia emocionalmente de seu pai, criando uma barreira emocional de indiferença e distanciamento.

- “Eu rejeitarei você para que você não possa me magoar de novo”.

É como uma proteção que precisa de muito esforço para ser derrubada!

“Meninos efeminados, até mais que meninos normais em relação ao gênero, precisam receber dos pais aquilo que nós, terapeutas reparadores, chamamos de “Os Três As”: Afeto, Atenção e Aprovação. Quando eles deixam de receber o que precisam, interpretam o comportamento do pai como desinteresse pessoal e rejeição a eles. Sentem isso como uma ofensa profunda e com imenso poder de ferir ao seu próprio senso de si mesmo. Como defesa contra mais mágoa, mais dor, eles diminuem a imagem do pai em sua mente, transformando-o em uma pessoa pouco importante ou mesmo inexistente. As

ações desses meninos declaram: Se ele não me quer, então eu também não o quero”.

(Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações)- texto adaptado.

“A mensagem cultural é clara. Homens de verdade não se tocam. Infelizmente, esse tabu, muitas vezes, estende-se a pais e filhos, mesmo quando os meninos são ainda muito novos, e a irmãos e amigos íntimos. Homens, em nossa cultura, parecem ter medo de serem percebidos como homossexuais, ou até mesmo de ‘tornarem’ a si ou a outra pessoa um homossexual só por abraçar outros homens, segurá-los ou tocá-los. Mas o que eles mais temem é o que estão criando: os meninos privados do toque crescem com anseios de serem segurados por um homem. Se a necessidade de ser tocado e segurado não for satisfeita na infância, ela não vai embora só porque um menino passa a ser homem. Para nós, o desejo era tão primordial, e há tanto tempo negado, que alguns de nós buscamos o sexo com um homem embora, realmente, tudo que queríamos era ser segurado. Nós só não sabíamos outro modo de receber o toque não sexual de que precisávamos. Não surpreende que muitos de nós fomos atraídos a relacionamentos disfuncionais ou insalubres, até mesmo desde a primeira infância. Se encontrávamos qualquer coisa que gerasse sentimento de amor e afirmação, nós nos agarrávamos, muitas vezes, a isso, fossem quais fossem as consequências. Às vezes, isso incluía até outros do sexo masculino, que nos usavam para prazer sexual, ou que nós usávamos sexualmente para nos sentirmos próximos a e amados por eles.” (Richard Wyler, Disponível em: www.peoplecanchange.com) – texto adaptado.

3.2 – Ambivalência com o mesmo sexo

O menino sente-se dividido entre sentimentos opostos. Deseja afirmação e identificação de sua masculinidade com a figura paterna, mas recebe sofrimento e dor (amor x ódio).

3.3 – Vazio quanto ao gênero sexual

Na maioria desses casos, o menino não deseja adquirir as características femininas; por outro lado, também não está desenvolvendo adequadamente as características masculinas – instala-se um “vazio” quanto a seu gênero sexual, como uma espécie de autorrejeição de sua identidade como ser masculino. Nessa visão, a homossexualidade masculina é considerada uma “busca reparativa”, ou seja, uma busca por algo que deveria ter acontecido em um desenvolvimento comum, mas que não aconteceu.

Inicialmente, tal busca é apenas emocional e afetiva; mais tarde, pode se tornar sexualizada e erotizada. Como isso ocorre?

a) O menino, ou adolescente, sente uma forte necessidade por masculinidade, mas sente que não pode encontrá-la em si mesmo, em seu interior. Assim, passa a buscá-la em outro, e começa a desejar a masculinidade de outros rapazes ou homens ao seu redor;

b) Há também uma grande necessidade por afirmação, ou seja, que algum outro homem transmita a ele que possui valor como homem. Inicialmente, essa carência também é apenas afetiva e emocional, mas eventualmente pode ser sexualizada e erotizada quando o indivíduo está disposto a buscar tal afirmação mesmo que seja apenas como objeto sexual;

c) Por mais legítima que essa carência por afirmação seja, o jovem em questão busca tal satisfação de forma que jamais poderá ser realmente satisfeita; sua identidade masculina terá que ser sua própria – não poderá ser adquirida através de contato sexual com outros homens;

d) Os desejos que surgem como decorrência de profundas necessidades não satisfeitas têm a tendência de serem muito mais fortes que os desejos que fazem parte da condição humana normal;

e) Além disso, quando nos empenhamos constantemente em satisfazer uma determinada necessidade, porém, sem sucesso, nossa ânsia para suprir tal carência torna-se cada vez mais forte. Isso nos ajuda a entender a característica frequente da obsessão na homossexualidade masculina.

“Podemos dizer que, dentro de cada homem com tendências homossexuais, existe um garotinho que deseja tornar-se um homem desesperadamente, mas que, tendo fracassado em suas tentativas (em seus próprios conceitos), e tendo já, praticamente, desistido de continuar tentando, decide buscar sua masculinidade em outro homem. Ele passa a *adorar* a masculinidade que admira e deseja em outro homem.”

“Mais tarde, no entanto, ele se apaixonará por aquilo que ele perdeu e passa a procurar alguém que parece ter aquilo que falta em si mesmo. Isso porque aquilo [pelo] que nos apaixonamos não é o familiar, e sim o outro diferente de mim”. (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)

3.4 – Outros fatores

Outros fatores podem afetar a sexualidade do menino em seu desenvolvimento:

a) Mães excessivamente dominantes + pai passivo.

**Acredita-se, porém, que apesar da presença de uma mãe dominante, caso o menino também disponha da presença envolvente do pai, isso não contribui com o desenvolvimento da homossexualidade.

***Muitos homens envolvidos na homossexualidade têm problemas com suas mães e, conseqüentemente, com outras mulheres.

b) Ausência paterna – A mãe pode efeminar o filho (o filho aprende a pensar e agir como uma mulher), ou direcioná-lo no sentido de desenvolver adequadamente sua masculinidade.

“Lembre-se, o comportamento efeminado de seu filho é uma defesa contra a identificação com o papel masculino. Você não pode acabar com essa defesa do menino (a efeminação) a não ser que forneça algo em substituição a isso. Portanto, a estratégia de tratamento é atrair o menino para o mundo masculino por meio de um relacionamento caloroso com o pai, ou uma figura de pai, em vez de simplesmente eliminar as manifestações exteriores de feminilidade.” (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)

c) Isolamento social – Limitações físicas ou mentais.

4 – Desenvolvimento da Homossexualidade na Menina

(Baseado em *Novos Caminhos - Exodus*)

A base é a mesma, porém, em algum ponto de seu desenvolvimento, a menina também se separa de sua mãe, percebendo sua própria identidade. O pai ajuda no processo, mas, na realidade, ao contrário do menino, a menina já nasce com sua identidade anatômica “feminina” (ela é semelhante à mãe).

4.1 – “É bom ou ruim ser menina?”

O que ela necessita decidir é se tal identidade é algo bom ou ruim. Nesse aspecto é que o pai, novamente, desempenha um papel fundamental. Como?

4.2 – Pai afirma a filha ou não

Ele afirma a garotinha em sua feminilidade. Ele a trata como sua linda princesinha, ou ele pode fazer o oposto: rechaçar sua feminilidade ou elogiar o comportamento masculino, passando a impressão de que garotos são mais aceitos do que as garotas.

4.3 – O masculino é mais atrativo.

“No estudo feito por Stoller, com um grupo de mulheres muito masculinizadas, ele, em geral, encontrou muito pouca proximidade emocional com a mãe e relacionamento demais com o pai. Em alguns casos, o pai ficou desapontado de ter uma filha e a tratava como se fosse um filho, o que resultava na escolha forçada de abandonar suas aspirações femininas para ganhar o amor de seu pai.” (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)- texto adaptado.

4.4 – Como o pai trata a mãe!

Através da maneira como o pai trata a mãe, ele transmite à garotinha que é bom ser mulher. Ou, do contrário, por seu comportamento com sua esposa, o pai pode demonstrar à sua filha que é desvantagem ou até mesmo perigoso ser uma mulher.

4.5 – Figura materna ausente

Mas também pode haver casos de mulheres com problemas homossexuais que talvez não tenham relação direta com a área de identidade sexual, mas que se relacionem à busca de uma figura materna.

5 – Consequências na menina

Além de recordarmos sobre o que aprendemos acerca das teorias de distanciamento defensivo e ambivalência para com o mesmo sexo, cumpre registrar que a homossexualidade feminina pode acontecer devido à algo que tenha acontecido para que o relacionamento entre mãe a filha estremece-se, distanciasse ou rompesse os laços afetivos e emocionais.

Pode ter havido rejeição, ou impressão de rejeição por parte da filha em relação à mãe.

Esse tipo de mulher pode vir a ser altamente dependente e mesmo que possa vir a ser bastante controladora, provavelmente se envolverá em relacionamentos em que procure a figura materna para cuidar dela.

5.1 – Dependência Emocional:

“Parcerias lésbicas... podem assumir uma qualidade de *idolatria relacional*... Para a lésbica, a atração emocional desempenha um papel mais

crítico do que a atração sexual. Nesses relacionamentos, parece haver uma capacidade para conexão particularmente forte. No entanto, um olhar mais de perto revela comportamentos que indicam um elo relacional frágil, repleto de medo e ansiedade... Enquanto que os relacionamentos de lésbicas geralmente são de mais longa duração do que os relacionamentos masculinos, a relação lésbica tende a ser carregada de intensidade e mantida pela “cola” do ciúme da possessividade em excesso e de vários comportamentos manipuladores. No curso do relacionamento, os ‘altos’ são muito altos, e os tempos de conflito extremos. Tempo excessivo juntas, telefonemas frequentes, desproporcional troca de cartões ou presentes, apressada busca de morarem juntas ou juntarem finanças; essas são algumas das maneiras de se defenderem contra a separação. Em tais relacionamentos, vemos a imitação de ligações sadias – isto é, dependência emocional e emaranhamento exagerado... Muitas vezes, há uma qualidade de desespero na atração emocional entre mulheres que lutam com o lesbianismo.” (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)- texto adaptado.

5.2 – Rejeição à feminilidade

Em geral, aceita-se que sempre que há algum problema de identidade sexual envolvido no lesbianismo, houve também rejeição à feminilidade por parte da mulher em questão.

“O maior conflito na raiz do lesbianismo, assim creio, é a rejeição inconsciente que a menina faz de sua identidade feminina. Mulheres que se tornam lésbicas geralmente decidiram, de forma inconsciente, que ser feminina ou é indesejável ou é inseguro. Às vezes, isso acontece porque a menina foi sexualmente molestada na mais tenra idade. Outras vezes (o cenário mais comum), é porque, para a menina, a mãe parecia ser um objeto de identificação feminina negativo ou fraco.” (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)- texto adaptado.

Todas essas considerações conduzem a teorias sobre o desenvolvimento do indivíduo, ou seja, coisas que não deveriam ter acontecido e aconteceram, ou que deveriam ter acontecido e não aconteceram na infância, as quais direcionaram no sentido de construção de tendências homossexuais. Alguns exemplos são: algumas circunstâncias nos relacionamentos, especialmente em relacionamentos significativos com pessoas próximas a nós; ou que representassem figuras de autoridade para nós, e que contribuíram para a nossa formação como indivíduos.

“... já foi dito o suficiente para mostrar que as raízes do homossexualismo, no geral, estão plantadas no cenário familiar. Em qualquer sociedade, a criança aprende o que é ser homem ou mulher. Se não houver oportunidade para aprender de maneira sadia os papéis masculino e feminino, o comportamento e atitudes da criança tornam-se, então, distorcidos. Tais crianças chegam à idade adulta sem saber o que esperar ou como reagir ao sexo oposto.”

6 – Outros Fatores (para ambos os sexos)

6.1 – Abuso sexual

Especialmente com mulheres, esta parece ser uma das causas principais.

Efeitos do abuso em Meninos x Meninas:

Todo tipo de atividade sexual abusiva na infância causa sequelas, tanto em meninos quanto em meninas. E esses traumas podem contribuir para que o indivíduo eventualmente se envolva na prática da homossexualidade.

O Abuso sexual nas mulheres parece ser extremamente traumático.

Alguns garotos conseguem superar casos isolados de abusos sexuais. O abuso sexual aparentemente representa um problema mais grave no caso de garotos, quando estes já apresentam uma grande carência afetiva, ou seja, quando **“qualquer tipo de atenção é melhor do que nenhuma atenção”**.

Embora não devamos minimizar nenhum caso de abuso sexual, mesmo que tal evento tenha ocorrido apenas uma vez na vida de um determinado garoto, aparentemente o abuso sexual nos garotos torna-se mais grave quando se trata de ações repetidas ao longo dos anos, e acaba tornando-se parte da identidade do garoto, ou seja, **quem ele é e o que faz**.

Uma garota com um temperamento mais agressivo, ao sofrer algum tipo de abuso, tomará precauções para que aquilo não lhe ocorra mais. Provavelmente ela passará a demonstrar uma aparência externa bastante dura, e passará agir de forma bem agressiva.

O que acontece quando uma garota de tendência mais passiva sofre abuso sexual? Pode ser que ela venha a tornar-se promíscua, achando que talvez esse seja o seu papel.

“Em mulheres, o abuso pode conduzir a um temor profundo e até ao ódio dos homens, em geral, se o perpetrador é do sexo masculino. Homens não são mais ‘seguros’ A profunda necessidade da mulher de se conectar com outro indivíduo a leva diretamente a relacionamentos próximos com outras mulheres, muitas vezes mulheres que já foram feridas de maneiras semelhantes. Isso providencia o palco para que as ligações lésbicas aconteçam.” O abuso sexual é um dos fatores mais importantes de formação que resultam em lesbianismo adulto. É também surpreendentemente comum em homens homossexuais. Um líder de ministério diz que a metade dos homens que procura ajuda sofreu abuso sexual no passado, em geral, por parte de outra pessoa do sexo masculino. Na grande maioria de casos, o abusador é um membro masculino da própria família ou amigo de confiança – e não um estranho em alguma esquina escura. Em poucos casos, o abusador é uma mulher mais velha. Sejam quais forem os detalhes específicos, ter a confiança da pessoa violada em tal grau causa uma devastação que dura por toda a vida. Em homens, o abuso sexual (por parte de um homem mais velho), em geral, acarreta muita confusão sobre a identidade sexual do menino. A vítima se pergunta: *Por que ele me achou tão atraente? Há algo errado comigo?* Tipicamente, meninos que sofrem abusos constantes sentem algum prazer físico e podem tentar repetir o ato com outros meninos a fim de reproduzir o sentimento de prazer sexual e de proximidade física. **“Na verdade, um estudo importante descobriu que o abuso sexual na infância triplica a probabilidade da pessoa se identificar como homossexual ou lésbica.”** (*Homossexualidade, um guia de orientação aos pais para a formação da criança, Joseph Nicolosi, Ph.D. & Linda Ames Nicolosi, Ed. Shedd publicações*)

6.2 – Bullying

Bullying é um termo utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (do inglês *bully, tiranete* ou *valentão*) ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

O perigo dos rótulos, apelidos, estereótipos ou estigmas:

Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou ruim sobre o *status* moral de quem os apresentava.

O problema de rotularmos ou estigmatizarmos alguém é que deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa “estragada”, diminuída e depreciada. Assim, um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana, possui um traço que se impõe à atenção de todos, inclusive dele próprio, afastando aqueles que ele encontra, ou atraindo aqueles que possuem as mesmas características, e destruindo, na grande maioria das vezes, a possibilidade de atenção para outras características suas.

Nossas relações com esse tipo de pessoa não se norteará mais por ela ser uma pessoa, um ser humano, mas pelo seu estigma.

6.3 – Abandono;

6.4 – Rejeição pelo genitor do mesmo sexo.

Senso de inadequação no papel sexual: “você não é meu filho”, “você não é um homem”, “você não vale nada”.

6.5 – Presenciar um genitor sendo maltratado por outro

Exemplo: a mãe sendo abusada ou tendo relações sexuais com o pai (ou vice e versa).

6.6 – Educação sexual ausente ou inadequada.

Mães que desconfiam dos homens e ensinam isso às filhas.

6.7 – Expectativas frustradas dos pais com relação ao sexo do bebê.

6.8 – Escolha consciente pelo comportamento homossexual.

Experimentação de relacionamentos homossexuais por curiosidade ou como uma tentativa de mostrar liberalismo e ausência de preconceitos, o que, somado a uma história de vida que torna o indivíduo vulnerável, pode levar a um padrão de comportamento permanente.

6.9 – Mulheres em casamentos terríveis

Mulheres que experimentaram situações de casamentos tão terríveis que se sentem incapazes de novo relacionamento com um homem. No entanto, como continuam tendo suas necessidades por intimidade e contato sexual, acabam crendo que essas necessidades podem ser supridas por outra mulher, apesar de nunca terem tido pensamentos ou atrações homossexuais.

6.10 – Homossexualidade circunstancial

Aqueles que escolhem um comportamento homossexual temporariamente porque parceiros sexuais do sexo oposto não estão disponíveis (por ex.: encarcerados).

6.11 – Medo de contato heterossexual

Temor do contato heterossexual por ausência de contato frequente com o sexo oposto, ou por vivência de situações traumáticas envolvendo pessoas do sexo oposto.

7. Família

“O que fazer ao descobrir que alguém da minha família está homossexual?”

www.luznanoite.com.br – leituras / www.exodus.org.br - livreto

7.1 – Passando pelas fases do luto

Luto: O luto é uma experiência pela qual todos os indivíduos passam pelo menos uma vez ao longo da vida. É uma reação inerente à condição humana e representa a resposta à perda de algo ou de alguém.

É um processo que inclui um conjunto de sentimentos que levam mais ou menos tempo para serem resolvidos, dependendo da pessoa ou situação em particular.

Reações comuns: Choque. Envolve:

- a) Perda da Segurança;
- b) Perda do Controle;
- c) Perda dos Planos Futuros;
- d) Perda da Reputação;
- e) Perda das Relações.

Sintomas: Tristeza, frieza profunda, *stress*, sintomas físicos. Negação; Desorganização; Resistência e Reorganização.

7.2 – Aceitação x aprovação

Aceitação: Reconhecer a realidade do comportamento e da escolha de uma pessoa.

Aprovação: Confirmar que algo é bom ou certo, o que valida o comportamento ou a escolha de uma pessoa.

7.3 Aspectos práticos: limites e apoio

8. IGREJA

Cenário do Mundo (*com base em Operação do Erro, de Joe Dalas*).

8.1 – Desafios da igreja diante da homossexualidade

A história caminha ora a passos pequenos, ora a passos largos. No desenvolvimento da causa gay parece que ela andou muito depressa. Joe Dallas, autor do livro “A operação do erro”, revela que:

De 1950 a 1976, os homossexuais diziam apenas isto: “Deus também nos ama”.

De 1976 a 1979, eles deram um pulo muito alto: “Deus não só nos ama, mas também concorda que sejamos homossexuais”.

E de 1980 até o presente, eles ameaçam: “Qualquer pessoa que diga que não podemos ser homossexuais e cristãos precisam ser silenciadas”.

A verdade é que, como ação ou reação ao comportamento preconceituoso e excludente da sociedade e das igrejas cristãs de modo geral, a causa gay se organizou e ganhou força nas últimas décadas, “pegando carona” nos movimentos das minorias organizadas que combatem o preconceito contra as mulheres, os negros e os portadores de deficiências.

Alguns dados históricos:

1948: Alfred Charles Kinsey, biólogo e estatístico norte-americano, publica o polêmico livro “Comportamento Sexual do Macho Humano”, no qual divulga que em cada 10 homens do mundo inteiro, 01 é homossexual, propagando a ideia de que o homossexualismo é muito mais comum do que se pensava. Ele

calculou que 4% da população americana era homossexual e declarou que, nos EUA, 37% da população masculina havia cometido pelo menos um ato homossexual, e 50% havia respondido, em algum ponto de suas vidas, a uma motivação homossexual.

1968: Troy Perry, ex-pastor pentecostal, funda a primeira denominação evangélica gay, com o pomposo nome Universal Fellowship of Metropolitan Community Churches (UFMMC). A essa altura, Perry, de 28 anos, divorciado da esposa, já havia sido excluído da Igreja de Deus, carismática, por sua conduta homossexual. A Universal Fellowship é tida como a maior organização que congrega homens e mulheres homossexuais, com cerca de 300 igrejas em pelo menos dez países, inclusive no Brasil.

1969: Nove detetives à paisana entram no bar Stonewall, no bairro Greenwich Village, em Nova York, expulsam cerca de 200 fregueses que lá estavam e prendem o gerente, um porteiro e três travestis. Ao se retirarem do bar com os detentos, encontram uma multidão irritada, que começa a lhes atirar pedras e garrafas. Os policiais se entrincheiram dentro do bar até a chegada de reforços. O tumulto envolve a polícia e cerca de 400 manifestantes é só acaba 45 minutos depois. Os distúrbios de Stonewall dão origem ao Gay Power (poder gay), e marcam o início do protesto público contra a discriminação a homossexuais. A data de 28 de junho passa a ser “o dia do orgulho gay”.

1973: A diretoria da Associação Americana de Psiquiatria retira o homossexualismo da sua lista de disfunções, que, até então, era um desvio sexual. Bem antes, era considerado um distúrbio sociopático de personalidade (até 1968). A decisão é tomada sob pressão muito forte da parte dos líderes dos movimentos favoráveis ao homossexualismo e em ambiente de intimidação.

1976: Forma-se, nos Estados Unidos, uma associação nacional de ministérios conservadores para ajudar aqueles que desejam vencer o homossexualismo. Recebe o nome de *Exodus*, para lembrar a saída do povo de Israel do Egito.

1977: A Igreja Episcopal de Nova York ordena a primeira pastora abertamente lésbica.

1989: A pastora Sylvia Pennington publica uma crítica mordaz ao movimento de ex-homossexuais, com o título: *Ex-gays? There are none!* (Ex-gays? Não há nenhum!) O livro contém histórias de homens e mulheres que tentaram, inutilmente, mudar da homossexualidade para a heterossexualidade. Esse é o primeiro ataque pesado a qualquer movimento cristão de auxílio aos homossexuais. A partir daí, o debate entre os homossexuais cristãos e os ex-homossexuais torna-se comum em programas de televisão e na imprensa.

1990: A médica norte-americana Judith Reisman contradiz todas as conclusões e os métodos do biólogo Alfred Kinsey, com a publicação do livro “Kinsey, sexo e fraude: a doutrinação de um povo”. Uma das descobertas de Reisman é que 25% dos homens que Kinsey pesquisou eram prisioneiros, em especial criminosos sexuais. Isso quer dizer que os dados do livro, publicado 42 anos antes, não foram tomados de uma população que representava, de fato, ou de forma geral, os homens americanos.

O livro de Reisman e estudos subsequentes desautorizaram, ainda que tardiamente, o mito de que 10% da população masculina dos EUA seriam homossexuais.

1993: O pastor Mel White, escritor e produtor de filmes cristãos, revela, no livro *Stranger at the gate* (Estranho à porta), que é homossexual. A declaração choca tanto a comunidade cristã quanto a não cristã, por se tratar de um líder evangélico famoso, que até então cooperava com Billy Graham e Jerry Falwell. Mel White passa a ser o representante mais visível e influente do Movimento Gay Cristão. O autor confessa que não conseguiu vencer suas tendências homossexuais e acabou por se entregar a elas e encontrar um amante, a conselho de um psicólogo. E afirmou: “Aprendi a aceitar e até a celebrar minha orientação sexual como um dos dons de Deus.”

Ainda em 1993: Os produtores Teodoro Maniaci e Francine Rzenik filmam um documentário de 90 minutos sobre o Exodus International (entidade de apoio ao homossexual que deseja abandonar esse modo de vida), sob o título *One nation under God* (Uma nação sob Deus). O filme reproduz entrevistas com homossexuais que tentaram inutilmente assumir a prática heterossexual com o auxílio de ministérios como o

do *Exodus*. O propósito do documentário é provar, só com o peso dos testemunhos e da emoção, que nenhum homossexual jamais poderá viver de outro modo.

1996: Doze anos depois de abandonar a Metropolitan Community Church e o estilo gay, Joe Dallas, aos 42 anos, publica *A strong delusion* (Um grande engano – mais tarde traduzido para o português com o título *A operação do erro*). Escrito por alguém que foi abertamente homossexual e tentou harmonizar a fé cristã com o homossexualismo, o livro de Joe Dallas é de valor inestimável, sobretudo porque trata os homossexuais com respeito e as Escrituras Sagradas com mais respeito ainda. Dallas conhece e cita uma quantidade de autores comprometidos com o movimento cristão gay. O livro é dedicado à liderança do Exodus Internacional com o seguinte recado: Fiquem firmes!

1998: Já instalada na América Latina e em várias partes do mundo, o ministério *Exodus* é organizado no Brasil. O presidente é o engenheiro agrônomo Affonso Henrique Lima Zuin, professor da Universidade Federal de Viçosa e presbítero de uma Igreja Presbiteriana da mesma cidade.

Ainda em 1998: Realiza-se, em Viçosa/MG, um Encontro Cristão sobre Homossexualismo, promovido pela Exodus Brasil. A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Simpatizantes reage violentamente, afirma, na mídia, que o Encontro é fraudulento e pede à Organização de Direitos Humanos e à Ordem de Advogados do Brasil que impeçam a realização do Encontro. Solicita também ao Conselho Federal de Psicologia e Medicina que casse o registro de todos os psicólogos e psiquiatras que participaram do evento. Ainda em 1998: Os homossexuais brasileiros Luiz Fernando, de 27 anos, e Victor, de 26, são ordenados pastores na Comunidade Cristã Gay, em São Paulo. A cerimônia é presidida por Neemias Marien, ex-pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil (Fonte: www.moses.org.br).

E a história continua: debates sobre a naturalização ou a normalização da homossexualidade, pesquisas científicas, projetos de lei e leis garantidoras dos direitos civis de homossexuais, paradas gays, novelas e filmes com relações homossexuais mais explícitas, divulgação de informações na imprensa, falada e escrita, contra o preconceito, crescimento do turismo gay, do poder político e social do lobby homossexual, liberação dos casamentos civis e religiosos gays em vários países do mundo, igrejas “evangélicas” gays, ordenação de pastores gays, influência da mídia, do mundo artístico, enfim...

Recentemente, a Revista VEJA, em 31.05.06, publicou uma matéria sobre o crescimento de literatura infantil com personagens homossexuais nos EUA.

No site TERRA, em 31.05.06, foi publicada também uma reportagem sobre a criação de um partido político, na Holanda, por pedófilos, para pressionar uma diminuição na idade legal para se manter relações sexuais no país, de 16 anos para 12. Eles também sustentam a legalização da pornografia infantil e do sexo com animais.

Em meio a isso tudo, alguns cristãos continuam tentando ignorar a controvérsia, outros atacam os homossexuais em uma atitude de condenação e ira, outros, ainda, parecem ter a intenção de fazer da “homossexualidade cristã” um meio de vida legítimo, aprovado por Deus, e alguns (talvez a maioria) se sentem confusos e não sabem o que pensar.

8.2 – Posicionamento da igreja diante do cenário mundial

8.3 – Igreja Condenatória

É aquela totalmente repressiva, que não consegue separar o pecado do pecador. É cercada de limites, inflexível e, em nome de Deus, julga, condena e exclui o membro que for pego em pecado, taxando-o de indigno e corrupto.

Geralmente é povoada de hipócritas, escribas e fariseus que colocam jugos pesados demais sobre as pessoas, os quais eles mesmos não podem carregar.

A disciplina, nesse igreja, não visa à restauração, mas apenas à punição e ao sentimento de culpa.

O **modelo de Deus**, nessa comunidade, é apenas o de um Juiz, severo, implacável, sem misericórdia, sádico, sem amor.

Essa igreja limita Deus.

Muitas de nossas igrejas, sem perceber, vêm se afastando dos ensinamentos de Cristo e seguindo os dos fariseus e escribas. Fechados em sua pretensa santidade, distantes do povo e de suas necessidades, constroem seu reino santo dentro de suas próprias paredes, onde cada pessoa que entra é examinada com desconfiança, para ver se se encaixa aos padrões. Sendo diferente, é imediatamente rejeitada e ignorada.

Ao ver a conversão de um travesti com AIDS, que logo depois morre, agradeço ao Senhor por levá-lo para o céu tão rapidamente. Na verdade, não saberia como discipliná-lo e qual igreja o aceitaria como membro.

Não poderia exigir, primeiro, a alteração em sua aparência. Ele entraria no templo de sapatos de saltos altos, vestido, brincos, cabelos compridos e maquiagem. Suas formas femininas, produzidas através de injeções de silicone, seriam perceptíveis sob a roupa. Seus trejeitos e sua voz seriam efeminados.

Qual igreja o aceitaria, tratando-o como irmão, amando-o e dando tempo ao Espírito Santo para transformá-lo integralmente?

Onde está o amor de Deus em nós?

Nossa compreensão quanto à missão da Igreja no mundo está invertida.

Sacrifícios, ofertas, trabalhos de departamentos internos, campanhas de evangelização... Enquanto ao lado da igreja há favelas, grupos de drogados, zonas de prostituição, a igreja se preocupa consigo mesma.

Amar é mais que falar em amor. É praticá-lo. “Diante de situações como essa, somos confrontados por Deus e provados”. (O Desafio Continua, de Eleny Vassão)

8.4 – Igreja Permissiva

É aquela que entende a graça de Deus como libertinagem, pensa que os cristãos podem fazer tudo, e usam, de modo equivocado, a liberdade que Cristo conquistou na cruz. Encontram “base bíblica” para uma vida ilícita, pensam que são livres, mas, na verdade, ainda estão sobre o jugo do pecado de seus desejos e paixões. Não percebem que andar com Deus é também uma vida de renúncia (Mt. 10.38-39).

A posição dessa igreja é de cumplicidade com o pecado, o que não traz a restauração. Não creem que a homossexualidade seja pecado ou passível de restauração.

As Igrejas Comunitárias Metropolitanas, que congregam especificamente os homossexuais, afirmam ser preciso haver um lugar em que tais pessoas possam adorar a Deus sem serem discriminadas como costumam sê-los nas Igrejas tradicionais.

Defendem a posição de que se possa ser cristão e homossexual, não havendo de mudar de orientação, mas deve-se evitar a promiscuidade e o sexo casual, mantendo relações duradouras, tipo casamento, com um único parceiro.

O **modelo de Deus** apresentado é apenas o do Deus de amor. A igreja deturpa Deus. “detém a verdade pela injustiça...”.

8.5 – Igreja Indiferente

É aquela que não atenta para o que ocorre no mundo, e nem mesmo na própria igreja, que finge que está tudo bem, que não se envolve, é superficial, não se importa, quando alguém fala em homossexualidade, por exemplo, afirma: “Homossexualidade, nossa o que é isso? Esse problema nós não temos na nossa igreja”; ou procura soluções mágicas e simplistas para não ter que se aprofundar na dor do outro, na dimensão do problema e na extensão das consequências, e esquece que seu silêncio e sua indiferença à dor e ao sofrimento do próximo, muitas vezes, representa a morte desse indivíduo, pelo desespero.

Ademais, caminhar com alguém que demora tempo a ser restaurado demanda muita paciência, amor e envolvimento, e hoje em dia as pessoas não têm disposição para isso, as igrejas estão em busca de estatísticas e métodos simples e fáceis de resolução de problemas. A igreja indiferente gera confusão no meio do povo de Deus, pois não busca conhecimento, não se aprofunda e começa a emitir conceitos, verdades e jargões que prejudicam muito mais do que em ajudam.

O **Modelo de Deus** é distante, ausente, não confiável, impotente e até negligente.

8.6 – Igreja Terapêutica

É aquela que também não é perfeita, mas reconhece o fato e trata os indivíduos em amor, mas sem permissibilidade, exageros ou superficialidades. Busca estabelecer relacionamentos significativos entre seus membros, representa um local seguro para confissões e aceitação das diferenças.

Não faz acepção de pecadores ou de pecados, e crê na conversão e restauração de qualquer pecador que sinceramente se aproxime de Deus arrependido. Entende a santificação como um processo pós-conversão que só termina no céu, e assume que o “ex-pecador” está sujeito, ainda, a tentações e até a quedas, muito embora não sejam desejáveis nem permitidas, mas perdoáveis.

Trabalha com uma visão qualitativa e não quantitativa, e visa ao evangelismo, ao discipulado, à ajuda social e à comunhão entre os membros, com o desenvolvimento dos dons, e a adoração contínua ao Senhor. Não se fecha em seu interior, mas vai ao encontro das almas perdidas, seguindo o exemplo de Jesus em Mateus 9.35-38.

A visão é do amor incondicional e da misericórdia, mas também da disciplina, quando necessária, e esta visando à restauração e não à punição ou exclusão imperdoável. Não é uma igreja fechada em uma comunhão exclusivista e preconceituosa. Ex. da laranja podre.

Precisa ser um local seguro para todos e não apenas para determinados tipos de pecadores. Não se foca no comportamento, mas na pessoa como um todo, e, especialmente, seu coração.

Não é imediatista, mas foca no discipulado, na restauração do caráter, e não apenas de um ponto dentro de todo um conjunto. Na igreja com homens e mulheres de Deus, alguém com um passado homossexual poderá aprender a ter relacionamentos íntimos sem ser de natureza sexual; a sair da área do segredo; a tocar e ser tocado saudavelmente.

Modelo de Deus: Íntimo e pessoal, que se importa conosco e jamais esquecerá de suas promessas e do seu amor leal. Um Deus equilibrado, justo e amoroso.

Reflexão Final!

- Não há nenhum aspecto da existência humana que o Senhor não possa transformar, conforme: Oséias 4.6a., João 8.32 Apocalipse 5.9,10 e Ezequiel 37. 1-14

9 – Como participar ativamente?

João 11.38-44 “Desatai-o e deixai-o ir”

Deus faz o impossível – ressuscita os mortos! - porém ordena à sua Igreja que “desate” tais pessoas das sequelas da morte para que possam viver vidas abundantes – esta é a parte da igreja.

Como nós (igreja) podemos desempenhar nossa parte:

- a) Reconhecendo que se trata de uma “tribo” ou “grupo” a ser alcançado;
- b) Reconhecendo que pecado é pecado – para Deus não há diferença;
- c) Abandonando comentários jocosos, piadas e atitudes negativas;
- d) Não temendo o que os outros vão dizer a seu respeito ou a respeito da igreja;
- e) Concordando com a verdade da Palavra de Deus acerca do comportamento homossexual;
- f) Rejeitando o pecado, mas amando o pecador;

- g) Não impondo condições para a aceitação;
- h) Incentivando aqueles que têm tendências, mas que nunca praticaram, a não fazerem – não é necessário que “provemos” todas as coisas para sabermos se gostamos ou não. Precisamos separar tentação de pecado;
- i) Compreendendo que existem causas e desdobramentos emocionais e afetivos para o comportamento homossexual, e não apenas opressão espiritual ou demônios (Tiago 5.16);
- j) Não esperando eventos instantâneos;
- k) Não empurrando namoradas ou namorados para os que estão lutando;
- l) Não focando a atenção em trejeitos e coisas secundárias, mas no andar com Deus;
- m) Ações Práticas: evangelismo social, interações, discipulado, aconselhamento, palestras (prevenção e restauração), intercessão, trabalho com os pais, com crianças, com grupos de prostituição, promovendo seminários, cursos, literaturas, etc.

Referências

1. **Aconselhando Cristãos em Luta com a Homossexualidade**, Débora Fonseca e Cunha. Ed. Abba Press.
2. **Amor Restaurado**, Mário Bergner. Ed. Sepal.
3. **Compreendendo as Raízes do Lesbianismo**, Starla Allen e Patrícia Allan, Exodus-BR
4. **Estigma Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**, Erving Goffman. Ed. Guanabara.
5. **Homossexualidade Um guia de Orientação aos Pais para a Formação da Criança**. Joseph Nicolosi, e Linda Ames Nicolosi. Ed. Shedd.
6. **Homossexualismo abordagens cristãs**. Esly Regina Carvalho. Ed. Eirene do Brasil.
7. **Imagens Partidas**, Leane Payne. Ed. Sepal
8. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**, Barry J. Wadsworth. Ed. Pioneira.
9. **Novos Caminhos**. Ministério Exodus.
10. **Operação do Erro**, Joe Dalas. Ed. Cultura Cristã.
11. **O Desafio Continua - A Missão da Igreja Frente a AIDS**, Eleny Vassão. Ed. Cultura Cristã
12. **Os Fatos Sobre a Homossexualidade**, John Ankerberg. Ed. Chamada da Meia Noite.
13. **Quando Alguém que Você Ama Está Envolvido na Homossexualidade**, Anita Worthen e Bob Davies. Exodus-BR.
14. **Restaurando a Identidade**, Bob Davies e Lori Rentzel. Ed. Mundo Cristão.
15. **Uma Fera em Busca de Sentido**, Débora Fonseca e Cunha. Ed. Abba Press.
16. **Uma Vida Transformada** - confissões de um ex-travesti. Luiz Emílio Silva. Ed. Lio.

Sites Úteis

www.exodus.org.br
www.luznanoite.com.br
www.pazcomdeus.com.br
www.narth.com

Filmes

1. Monster - Desejo assassino.
2. Meninos não choram

Atividades

Questões pontuais:

- 1) Cite 04 hipóteses que contribuem para a construção da homossexualidade no menino.
- 2) Cite as 03 consequências para o menino quanto ao desenvolvimento da homossexualidade.
- 3) Cite 02 hipóteses que contribuem para a construção da homossexualidade na menina.
- 4) Cite 02 consequências para a menina quanto ao desenvolvimento de sua homossexualidade.
- 5) Cite pelo menos 03 outros fatores de contribuição para a construção da homossexualidade em ambos os sexos.
- 6) Cite os 04 modelos de igreja com respeito à homossexualidade.
- 7) Cite 02 características de cada modelo de igreja.
- 8) Qual é o “modelo de Deus” da igreja Terapêutica?
- 9) Cite 02 maneiras de a igreja pode fazer sua parte no que diz respeito ao enfrentamento da homossexualidade.
- 10) Quais são os textos bíblicos que tratam da homossexualidade na bíblia?

Questão subjetiva:

- 1) Defina bullying e como ele influencia na construção da homossexualidade.